

USOS DO ESQUECIMENTO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUIA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Coleção A espessura da linguagem

Comissão Editorial

Coordenadoras

ENI PUCCINELLI ORLANDI – MÓNICA ZOPPI-FONTANA

CÁRMEN LÚCIA HERNANDES AGUSTINI – FREDA INDURSKY

GRECIELY CRISTINA DA COSTA – LUIZ FRANCISCO DIAS

TAISIR MAHMUDO KARIM

Yosef Hayim Yerushalmi – Nicole Loraux
Hans Mommsen – Jean-Claude Milner
Gianni Vattimo

USOS DO ESQUECIMENTO

CONFERÊNCIAS PROFERIDAS
NO COLÓQUIO DE ROYAUMONT

Tradução

Eduardo Alves Rodrigues

Renata Chrystina Bianchi de Barros

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Us6 Usos do esquecimento: conferências proferidas no colóquio de Royaumont / Yosef Hayim Yerushalmi... [et al.]; tradução: Eduardo Alves Rodrigues, Renata Chrystina Bianchi de Barros. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2017.
(A espessura da linguagem)

Tradução de: Usages de L'oubli, Éditions du Seuil, 1988.

1. Análise do discurso. 2. Memória. 3. Esquecimento. 4. Linguagem.
I. Yerushalmi, Yosef Hayim. II. Título.

CDD - 401.41
- 153.1
- 153.125
- 401

ISBN 978-85-268-1376-2

Título original: *Usages de L'oubli*
Copyright © Éditions du Seuil, 1988

Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Conferências proferidas por Yosef Hayim Yerushalmi, Nicole Loraux, Hans Mommsen, Jean-Claude Milner e Gianni Vattimo no Colóquio de Royaumont, com o apoio da Associação Diálogo Entre Culturas.

A versão francesa da conferência proferida em inglês por Yosef Hayim Yerushalmi é de Éric Vigne. A da conferência de Hans Mommsen, proferida em alemão, é de Jean-Louis Schlegel.

SUMÁRIO

1. REFLEXÕES SOBRE O ESQUECIMENTO	
<i>Yosef Hayim Yerushalmi</i>	9
2. DA ANISTIA E SEU CONTRÁRIO	
<i>Nicole Loraux</i>	29
3. O TERCEIRO REICH NA MEMÓRIA DOS ALEMÃES	
<i>Hans Mommsen</i>	63
4. O MATERIAL DO ESQUECIMENTO	
<i>Jean-Claude Milner</i>	81
5. O ESQUECIMENTO IMPOSSÍVEL	
<i>Gianni Vattimo</i>	99

REFLEXÕES SOBRE O ESQUECIMENTO

Yosef Hayim Yerushalmi

Prelúdio em tom de hesitação

Há vários meses, fui informado de que um simpósio aconteceria em Paris, coincidindo com um período em que eu estaria na cidade. Sem maiores esclarecimentos, não tardaria em esquecê-lo...

O convite oficial chegou a mim em Nova York, enquanto eu me preparava, uma vez concluído meu semestre na Universidade de Columbia, para realizar pela primeira vez um seminário na Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais.

“Usos do esquecimento.”

Não, eu não li mal o título...

Foi-me sugerido inicialmente o tema “Hipertrofia da memória; esquecimento da história”. Considerei recusá-lo, a menos que pudesse ser “Atrofia da memória; hipertrofia da história”. Mas eu preferiria não ter qualquer título, ou que fosse o mais vago possível. Na verdade, eu secretamente desejo que Jacques Le Goff, por quem tenho enorme respeito, fale e eu o escute. Infelizmente, não é o caso. Por ter escrito sobre a memória, devo doravante expiar esse ato de presunção, parece ser, tratando do esquecimento. Aceito meu destino não sem inquietação. O que posso dizer que já não te-

nha escrito, mesmo implicitamente?¹ Pois bem, Eric Vigne traduzirá para o francês minha exposição – que receio estar desconexa – e isso já é um consolo...

Minha inquietação inicial é também temperada, de alguma forma, por uma coincidência que prefiro interpretar, à maneira de um supersticioso, como um presságio favorável. Dias antes da chegada do convite para este colóquio, eu havia comprado e devorado duas obras do grande psicólogo russo Alexander Romanovich Luria. A primeira leva o título inglês *The man with a shattered world: The history of a brain wound*; a outra, *The mind of a mnemonist: A little book about a vast memory*,² já foi traduzida para o francês e publicada com o título *Une prodigieuse mémoire*.³ Essas duas obras, vocês devem saber, são estudos de caso e clássicos da literatura psiquiátrica. Uma sendo o reflexo invertido da outra. “Bem”, eu disse a mim mesmo, no avião para Paris, “isso é o que eu posso começar a pensar...”

I

O homem cujo mundo fora despedaçado foi ferido por uma bala na cabeça durante a Segunda Guerra Mundial, na ba-

1 Y. H. Yerushalmi. *Zakhor: Jewish History and Jewish Memory*. Seattle/London, University of Washington Press, 1982. Trad. fr de Eric Vigne: *Zakhor: Histoire juive et mémoire juive*. Jewish History and Jewish Memory, Paris, La Découverte, 1982 [Trad. bras de Lina G. Ferreira: *Zakhor: História judaica e memória judaica*. Rio de Janeiro, Imago, 1992 (N. da T.)].

2 LURIA, A. R. *The man with a shattered world: The history of a brain wound*. Trad. do original russo (1972) para o inglês de Lynn Solotaroff. Prefácio de Oliver Sacks. Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1987. E *The mind of a mnemonist*. Trad. de Lynn Solotaroff. Prefácio de Jérôme Bruner. Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1987 [Trad. bras. de Lólio Lourenço de Oliveira: *O homem com um mundo estilhaçado*. Petrópolis, Vozes, 2008 (N. da T.)].

3 LURIA, A. R. [1968] *Une prodigieuse mémoire; étude psycho-biographique*. Trad. fr de Nina Rausch de Traubenberg e M. Chaverneff (colab.). Prefácio de René Zazzo. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1970. Não seguimos essa tradução [Trad. bras. de Cláudia Berliner: *A mente e a memória: Pequeno livro de uma vasta memória*. São Paulo, Martins Fontes, 1999 (N. da T.)].

talha de Smolensk. Apesar de ter sobrevivido, ele praticamente perdeu a memória e quase a capacidade de lembrar. Por pura força de vontade e esforço extraordinário, ele se comprometeu a escrever algumas frases por dia, todos os dias durante 25 anos. Lentamente, dolorosamente, ele não só foi capaz de recuperar fragmentos de seu passado, mas também de colocá-los em ordem e de lhes dar algum sentido preliminar. Se tal atividade foi tecendo uma tênue ligação sua com a vida, ele não poderia, contudo, levar uma existência normal. Em um ponto, ele exclama: “Não me lembro de nada, absolutamente nada! Algumas poucas migalhas de informação... nada mais! Não sei nada sobre qualquer assunto. Meu passado foi apagado!”.

O “mnemonista”,⁴ por sua vez, mostrava desde a infância uma memória prodigiosa que tomava de assombro os psicólogos que examinavam seu caso, assim como também o público que assistia a suas exibições no palco.

A tragédia do homem ferido de Smolensk não nos surpreende; normalmente consideramos a amnésia como uma patologia. Entretanto, o mnemonista não era menos patológico. Se o homem do cérebro ferido não podia se lembrar, o mnemonista não podia esquecer. Para este, também era difícil ler: não porque, como ocorria com o homem de Smolensk, esqueceria o sentido das palavras, mas porque, ao colocar-se a ler, outras palavras e outras imagens surgiam a partir do passado e sufocavam as palavras do texto que tinha sob os olhos. Falando de nosso mnemonista – ele se chama

4 Em referência ao título do livro citado de Luria, *The mind of a mnemonist*. Em português, poder-se-ia recorrer a palavras como “memorista” ou “memorialista”, em referência à atividade de mnemonizar. (N. da T.)

“S.” –, Luria sintetiza bem o problema: “A maioria de nós está dedicada a melhorar a própria memória; ninguém se coloca o problema de saber esquecer. No caso diante de nós, o de S., ocorre precisamente o contrário. A grande questão para ele, e a mais dolorosa, era aprender a esquecer”.

Isso nos remete aqui irresistivelmente a Nietzsche, que já em 1874 proclamou a crise do historicismo em termos de enfermidade: “nós todos sofremos de uma febre histórica devoradora, e deveríamos, pelo menos, reconhecer que dela padecemos”.⁵ E ainda: “acima de tudo, é absolutamente impossível *viver* sem esquecer”.⁶ Com base nessas fortes premissas, Nietzsche conclui sobriamente:

[...] Trata-se de saber esquecer propositadamente, assim como se sabe lembrar propositadamente; deve haver um instinto vigoroso que nos advirta quando é necessário olhar para as coisas historicamente e quando é necessário vê-las não historicamente. Eis aqui o princípio sobre o qual o leitor é convidado a refletir: *o sentido não histórico e o sentido histórico são igualmente necessários para a saúde de um indivíduo, de uma nação, de uma civilização.*⁷

5 “[...] wir alle an einem verzehrenden historischen Fieber leiden und mindestens erkennen sollten, das wir daran leiden”. F. Nietzsche, “Vom Nutzen und Nachteil der Historie für das Leben”, *Unzeitgemässe Betrachtungen*, II, in *Werke in drei Bänden*, Karl Schlachta (éd.), Bd. I. Munich, Carl Hanser, 1966, p. 210. Não seguimos aqui nenhuma das traduções francesas dessa obra atualmente disponíveis [Trad. bras.: *Segunda consideração intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003. Uma versão da citação está na p. 6 (N. da T.)].

6 *Werke*, p. 213: “[...] es ist aber ganz und gar unmöglich, ohne Vergessen überhaupt zu leben” [Na versão brasileira (*op. cit.*), ver citação da p. 10 (N. da T.)].

7 *Werke*, p. 214: “[...] davon, dass man ebenso gut zu rechten Zeit zu vergessen weiss, als man sich zur rechten Zeit erinnert; davon, dass man mit kräftigen Instinkten herausfühlt, wann es nötig ist, historisch, wann unhistorisch zu empfinden. Dies gerade ist der Satz, zu dessen Betrachtung der Leser eingeladen ist: das Unhistorische und das Historische ist gleichermassen für die Gesundheit eines einzelnen, eines Volkes und einer Kultur nötig” [Na versão brasileira (*op. cit.*), ver citação da p. 11 (N. da T.)].

Certamente. E o leitor acenará afirmativamente com a cabeça diante de uma verdade tão primária quanto banal. O homem saudável, estaríamos tentados a dizer, instala-se em algum lugar entre o mnemonista e o homem de Smolensk. Mas o problema ainda não está resolvido: se precisamos tanto lembrar quanto esquecer, onde deveríamos traçar a fronteira? Nietzsche nos parece aqui de alguma utilidade. Em que medida temos necessidade da história? E que tipo de história? De que deveríamos nos lembrar, que poderíamos nos autorizar a esquecer? Questões essas que, como tantas outras, hoje como ontem, permanecem sem resposta. Questões que se tornam simplesmente mais urgentes. E eu duvido, por razões que vou mencionar agora, que possamos respondê-las no momento, tampouco em um futuro próximo.

II

Mas temos avançado longe demais. A nossa terminologia de base, entretanto, não está refinada. Não podemos efetivamente falar de “esquecer” sem nos cobrar o mesmo movimento sobre o sentido que damos a “lembrar”. Farei, portanto, uma distinção provisória entre a memória (*mneme*) e a reminiscência (*anamnesis*). Chamarei de memória aquilo que permanece essencialmente ininterrupto, contínuo. A *anamnesis* designará a reminiscência daquilo que havia sido esquecido. De uma boa maneira judaica, tomei emprestados esses termos dos gregos, particularmente de Platão, porquanto remetem não à história, mas ao conhecimento filosófico das Ideias eternas. Com exceção de alguns raros in-

divíduos, cuja alma tem conservado traços de lembranças pré-natais do mundo das Ideias, todo conhecimento é *anamnesis*, todo verdadeiro aprendizado consiste em um esforço para lembrar-se do que foi esquecido. Existe no Talmude (Tratado *Niddah*, 30 *b*) um paralelo curioso: é dito ali que o feto conhece toda a Torá e pode ver o mundo de uma extremidade a outra. Mas, apenas no momento do nascimento, um anjo vem e lhe bate de leve na boca (uma lenda posterior afirmará que o anjo lhe beija a boca), e a criança imediatamente se esquece de tudo. Ela deverá – infelizmente – reaprender a Torá. Posto que os colegas aqui conhecem os gregos muito melhor do que eu, começarei então, como me é de costume, tratando dos judeus; em seguida, ampliarei minhas proposições em uma perspectiva mais geral.

III

Usos do esquecimento: na Bíblia hebraica, eles não existem. A Bíblia ecoa apenas *terror* ao esquecimento. O esquecimento, reverso da memória, é sempre negativo; é o pecado original a partir do qual decorrerão todos os outros. O *locus classicus* seja talvez encontrado em Deuteronômio, VIII:

Então, preste atenção, bastante atenção. Não te esqueças do Senhor Deus. Não negligencies suas leis e seus mandamentos que hoje te ofereço. Não te atires ao orgulho e te esqueças de que deves isso tudo ao Senhor, teu Deus, ele que te tirou do Egito, onde te encontravas escravo... porque se vieres a esquecer alguma vez o Senhor, teu Deus, se adorares e ser-

vires outros deuses, eu te previno, hoje, que desaparecerás.
(Deut. VIII, 11, 14, 19)

Essa assunção surpreendente – que um povo inteiro pode não somente ser instado a dela se lembrar, mas também ser responsável por dela se esquecer – é apresentada como autoevidente. Mas o esquecimento coletivo é certamente uma noção tão problemática quanto a da memória coletiva. Se a encarcerarmos em uma acepção psicológica, ela perde praticamente todo sentido. A rigor, povos e grupos só podem se esquecer do presente, não do passado. Em outras palavras, os indivíduos que integram o grupo podem esquecer acontecimentos que se produzirão durante a própria existência; eles não poderiam esquecer um passado que lhes teria sido anterior, no sentido de que o indivíduo esquece os primeiros estágios da própria vida. Por isso, quando dizemos que um povo “(se) lembra”, na realidade, dizemos primeiramente que um passado tem sido ativamente transmitido às gerações contemporâneas por meio do que chamei, em outro lugar, de “os canais e os receptáculos da memória”, e que Pierre Nora chama acertadamente de “os lugares de memória”;⁸ em seguida, esse passado transmitido foi recebido como se fosse carregado de um sentido próprio. Por conseguinte, um povo “esquece” quando a geração detentora do passado não o transmite à seguinte, ou quando

8 Y. H. Yerushalmi, *Zakhor*, op. cit., cap. 4; Pierre Nora (dir.), *Les lieux de la mémoire*. Gallimard, Paris, 1984-1987 (4 vols.). Ver sua introdução intitulada “Entre mémoire et histoire: La problématique des lieux”, vol. 1, pp. XVII-XXIII [a versão brasileira dessa introdução foi traduzida do francês por Yara Aun Khoury e publicada com o título “Entre memória e história: A problemática dos lugares” em *Projeto História*, Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História, PUC-SP, São Paulo, vol. 10, pp. 7-28, dez. 1993. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763> >. Acesso em: 2 maio 2016 (N. da T.).]

esta última rejeita o que recebeu ou deixa de transmiti-lo por sua vez, o que dá no mesmo. A ruptura na transmissão pode acontecer bruscamente ou ao término de um processo de erosão que se produz sobre várias gerações. Mas o princípio permanece o mesmo. Um povo jamais pode “esquecer” o que ele não tenha primeiro recebido.

Dessa maneira, embora o homem de Smolensk e o mnemonista nos tenham servido como metáforas introdutórias, não devemos reconhecer em ambos verdadeiras analogias. Assim como “a vida de um povo” é uma metáfora biológica, “a memória de um povo” é uma metáfora psicológica – a não ser que façamos do grupo um organismo dotado de uma psique coletiva cujas funções corresponderiam estritamente àquelas do indivíduo; em outras palavras, a menos que decidamos ler a história com Freud e assumir as consequências de um psicolamarckismo doravante totalmente desacreditado.⁹

IV

O que chamamos de esquecimento no sentido coletivo aparece quando grupos humanos falham – deliberada ou passivamente, por rejeição, indiferença ou indolência, ou até

9 S. Freud, *Totem e tabu*, *O mal-estar na civilização*, e, sobretudo, *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Ver igualmente o texto “Metapsicologia” de 1915, que havia se perdido e foi recentemente publicado com o título *Übersicht der Übertragungsneurosen: Ein bisher unbekanntes Manuskript*. Ilse Grubrich-Simitis (éd.). Frankfurt, S. Fisher, 1985. A crítica ao lamarckismo em geral e ao psicolamarckismo de Freud em particular foi objeto de vasta literatura. Para o fundamental a esse respeito, ver Stephen Jay Gould, *Ontogeny and Phylogeny*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1977, pp. 155-161 et passim; e Frank J. Sulloway, *Freud, Biologist of the Mind*. New York, Basic Books, 1979, p. 274 e ss., 439 e ss. (trad. fr. *Freud biologiste de l'esprit*. Paris, Fayard, 1981) [Há traduções brasileiras para os seguintes textos de Freud, aqui referidos: *Totem e tabu*, *O mal-estar na civilização*, *Moisés e o monoteísmo*, e “Metapsicologia” (N. da T.)].

mesmo por causa de alguma catástrofe histórica que (inter)rompe o curso dos dias e das coisas – ao transmitir à posteridade o que aprenderam do passado. Todos os mandamentos e as injunções para “lembrar” e não “esquecer”, que foram endereçados ao povo judeu, teriam sido de nenhum efeito se os rituais e as narrativas históricas não tivessem se convertido no cânone da Torá – Torá, vale lembrar, significa, literalmente, “ensinamento” no sentido mais amplo –, e se a Torá, por sua vez, não tivesse cessado de renovar-se como Tradição.

Primeiro texto

Moisés recebeu a Torá no Sinai e a transmitiu a Josué, e Josué aos Anciãos e os Anciãos aos profetas e os profetas o transmitiram aos Homens da Grande Assembleia.

Assim começa a *Mishnah Abot*,¹⁰ revelando a “Cadeia da tradição” (Shalshelet ha-qabbalah) fariseia. Essa cadeia deve ter se estendido, por fim, ao longo do período talmúdico até o fim da Idade Média. Como é lacônica, essa passagem me parece conter a quintessência da memória coletiva, definida como um movimento dual de recepção e de transmissão, que continua ele mesmo, alternativamente, a dirigir-se para o futuro. Esse processo é aquele que forja a *mneme* do grupo, que estabelece o caráter *continuum* de sua memó-

¹⁰ Mishnah, uma das principais obras do judaísmo rabínico, é considerada a primeira grande redação, na modalidade escrita, da tradição oral judaica, sendo, por isso, conhecida como Torá Oral. Está estruturada em seis ordens, sendo “Abot” um dos tratados que integram a quarta ordem (Nezikin, *A ordem de danos*), o qual discorre sobre os pais e/ou aqueles que exercem autoridade entre os judeus. (N. da T.)

ria, que forma uma cadeia de ligações em vez de desenrolar de uma única vez um fio de seda. Os judeus não se constituíam como virtuosos da memória; mas como receptores atentos e magníficos transmissores.

Segundo texto

Quando nossos Mestres adentraram o Vinhedo de Yabneh, eles disseram: a Torá está destinada a ser esquecida em Israel, como está escrito [Amos, VIII, 11]: virão os dias, sou eu, o Senhor Deus quem vos fala, em que enviarei a fome àquela terra. Não apenas a fome de pão ou a sede de água, mas a fome e a sede da Palavra. (Talmude Babilônico, Tratado *Shabbat*, 138 a)

Essa sombria passagem é inesperada, nos choca mesmo. Ela não pode ser explicada apenas como a exegese inevitável do verso de Amos. Na realidade, devemos compreendê-la relativamente ao contexto temporal e espacial em que a coloca a tradição: o “Vinhedo de Yabneh” refere-se à academia estabelecida pelo rabino Yochanan ben Zakkai durante a destruição do Segundo Templo pelos romanos, templo esse que foi o “lugar de memória” judeu por excelência. Yabneh era a fortaleza erguida contra o esquecimento. É o lugar onde a tradição foi salva, foi estudada e tomou forma, a fim de assegurar sua perpetuação nos tempos vindouros. Eu não sei nada que ilustre melhor o formidável poder de Yabneh do que certo gesto de Freud quase dois mil anos mais tarde. Freud, o psicólogo, rejeitou “a cadeia da tradição” em favor da cadeia da repetição inconsciente; mas Freud, o judeu,

também sabia e sentia o que poderia significar esse episódio ancestral. Em agosto de 1938, depois de fugir de sua Jerusalém vienense imediatamente após *Anschluss*,¹¹ Freud instintivamente voltou-se ao exemplo de Yabneh para encontrar ali uma palavra de consolo, fazendo-a chegar, por intermédio de Anna Freud, à diáspora psicanalítica reunida em Paris em função do XV Congresso Internacional:

A desgraça política da nação [judaica] o ensinou a apreciar o justo valor da única propriedade que lhe restou, sua Escritura. Imediatamente após a destruição do Templo de Jerusalém por Tito, o rabino Yochanan ben Zakkai pediu permissão para abrir, em Yabneh, a primeira escola em que se poderia ensinar a Torá. A partir desse momento, a Sagrada Escritura e o interesse espiritual que ela inspira mantiveram unido o povo disperso.¹²

Justamente. Por isso, é no mínimo estranho que a sombria previsão de que a Torá seria esquecida tivesse sido anunciada por aqueles mesmos que lançaram os fundamentos para sua posterior transmissão. Seguramente, eles ignoraram a extensão da duração e a continuidade de seu esforço. Essa passagem me parece, na realidade, menos uma previsão do que uma projeção de suas próprias angústias do momento, isto é, de que a Torá estava ameaçada de esquecimento.

¹¹ Anexação político-militar da Áustria pela Alemanha em março de 1938. (N. da T.)

¹² Freud, muito velho e doente para participar da conferência, enviou Anna Freud incumbida de ler um pequeno trecho da terceira parte de um livro que ele ainda não havia publicado: *Der Mann Moses und die monotheistische Religion* (III.2.c: "Der Fortschritt in der Geistigkeit"), Moisés e o Monoteísmo (III, parte 2, C, "O avanço da intelectualidade"). É desse texto que a citação em questão foi extraída. Veja *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse und Imago*, n. 24 (1939), pp. 6-9, e o Programa do Congresso em *Korrespondenzblatt* (*idem*, p. 363 e ss.).

O que era, então, a Torá para os sábios de Yabneh? O ensinamento inclui uma boa parte de história. No entanto, como revela a passagem a seguir, a angústia dos Sábios não recai sobre o esquecimento da história, mas sobre o esquecimento da *halakhah*, da Lei. As prioridades estão definidas: aqui, a Lei é a primeira. Por conseguinte, somente a história que possa integrar-se ao sistema de valores da *halakhah* terá sido retida pela memória. O resto foi ignorado, “esquecido”.

Terceiro texto

[...] Nos tempos antigos, quando a Torá foi esquecida por Israel, Esdras veio da Babilônia e lá se estabeleceu. [Uma parte] da Torá fora esquecida novamente e R. Hiyya e seus filhos chegaram e a estabeleceram. (Talmude Babilônico, Tratado *Sukka*, 20 a)

A Tradição conhece, dessa maneira, três ocasiões em que a Torá foi, total ou parcialmente, de fato esquecida e depois restaurada. O sentido geral dessa passagem é evidente: aquele segundo o qual o povo “esquecido” pode, em certas circunstâncias, ser recuperado. O primeiro dos três exemplos de esquecimento é o mais célebre e também o mais significativo. No capítulo VIII do livro de Neemias, Esdras reúne seu povo em praça pública em frente à Porta d’Água, em Jerusalém, para um exercício dramático de rememoração nacional. Mas, como sempre ocorre com qualquer amnésia coletiva, o que retorna à memória é também metamorfoseado. Pela primeira vez, durante os sete dias de Tabernáculos, Esdras e seus companheiros leem toda a Torá – isto é,